

Posfácio

Futebol: barômetro de mudança

Claudia Fonseca

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul
– PPG Antropologia Social*

Resumo

Neste curto ensaio, motivado pelo meu encanto com as discussões das quais participei durante o III Colóquio Internacional INCT Futebol em Portugal (2025), arguo que o futebol ilumina e serve de barômetro para profundas mudanças históricas. Apoio essas hipóteses destacando cenários situados – o futebol profissional do Portugal imperial, o futebol jogado por brasileiras nas primeiras décadas do século XX e o futebol de várzea tal como se organiza no Brasil da virada do milênio. Assim, é minha intenção mostrar não só como as pesquisas tocam nos grandes temas da atualidade – colonialismo, gênero e cultura popular – mas também como, por inovações metodológicas e diálogos teóricos, contribuem para a contestação de dicotomias simplistas (amador/profissional, alienação/resistência, centro/periferia), reatualizando dilemas teóricos de grande relevância.

Palavras-chave: antropologia do futebol; colonialismo; gênero; cultura popular; periferia.

Abstract

In this short essay, motivated by my fascination with the discussions I participated in during the III INCT International Colloquium on Football in Portugal (2025), I argue that football illuminates and serves as a barometer for profound historical changes. I support this hypothesis by highlighting situated scenarios

– professional football in imperial Portugal, football played by Brazilian women in the first decades of the 20th century, and community football as it is organized in Brazil at the turn of the millennium. Thus, it is my intention to show not only how research touches on major contemporary themes – colonialism, gender, and popular culture – but also how, through methodological innovations and theoretical dialogues, it contributes to the challenge of simplistic dichotomies (amateur/professional, alienation/resistance, center/periphery), re-actualizing highly relevant theoretical dilemmas.

Keywords: football; colonialism; gender; popular culture; periphery.

Introdução

Tive o privilégio de participar do III Colóquio Internacional INCT Futebol, no outono europeu de 2025, no qual fui surpreendida pela maneira como esse vasto (e, para mim, desconhecido) universo de reflexão jogava luzes sobre meu entendimento de praticamente todos os aspectos da sociedade contemporânea. Era como se um continente novo se revelasse mediante um grupo incrivelmente dinâmico de pesquisadores. Aos poucos, me dava conta do quanto esse campo acadêmico tinha crescido desde os anos 1980, quando um punhado de pioneiros – Simoni Guedes, Roberto DaMatta, José Sergio Leite Lopes – penavam para convencer seus colegas que o futebol era um tema digno de análise. Hoje, graças em grande parte à coordenação do INCT, encabeçando uma rede multinacional de pesquisadores, podemos testemunhar a consolidação de quase cinco décadas de trabalho persistente, enriquecido pela agregação de especialistas das mais variadas orientações disciplinares. Puxa-se um fio do novelo e tem início uma aventura que leva das técnicas corporais dos jogadores até a paixão dos torcedores, da identidade nacional até as políticas do império, das formas de sociabilidade vicinal até as estratégias de realização profissional, de estereótipos de gênero e aspirações religiosas missionárias até questões de desemprego e fluxos migratórios.

Quanto aos debates teóricos, vemos como, desde os primeiros estudiosos já nos anos 1960, há discussões apaixonadas entre gigantes da

antropologia sobre o caminho correto a tomar. O folclore acadêmico coloca em destaque, entre outras, a divergência das perspectivas de Max Gluckman, antropólogo consagrado da Universidade de Manchester, e de José Cutileiro, jovem português, realizando seu doutorado em Oxford (e.g., Alves, 2016; Domingos, 2017; Rial, 2025). O primeiro, inspirado nas teorias de Vitor Turner, falava da experiência de *communitas* que ele próprio vivia em estádios de futebol, vendo neles um mecanismo de coesão social que, num espírito democrático e sem discriminação, seria capaz de criar um vínculo afetivo entre os cidadãos diversos da nação. Cutileiro (1965), por outro lado, em diálogo com os estudos sobre as relações patrão-cliente tidas na época como típicas da região mediterrânea, teceu seus comentários em tom menos otimista. Apoiado numa pesquisa etnográfica do clube lisboeta Benfica, criticava a exploração dos jogadores (quase todos de origem modesta) e a rotina cotidiana imposta a eles pelo clube (semelhante, conforme sua descrição, à dos campos de concentração). Também sugeria que a mística do futebol (com seus hinos, cantos, aplausos e brigas) poderia alimentar “uma confusa identificação com os clichês tradicionais da heroicidade portuguesa” (Cutileiro, 1965, p. 327). Daí era um curto passo para imaginar como a ditadura de Salazar aproveitava a emoção dos adeptos para escorar sua legitimidade política¹.

Neste curto ensaio, motivado pelo meu encanto com as discussões nesse campo temático, começo com o “debate” Gluckman-Cutileiro para evocar a maneira caleidoscópica como esse “fenômeno total social mausiano” age, assumindo contornos distintos em cada novo contexto e na visão de cada novo analista (Toledo, 2024; Rial *et al.* 2025). Hoje, defrontamo-nos, por um lado, com um processo corporativo altamente lucrativo, dominado pelos agenciadores de um espetáculo de massa, e, por outro, com um exercício corporal e um jogo entusiasmante de lazer, entranhado nas sociabilidades informais de bairro. Porém, situados na vanguarda da

1 Sobre a relação entre o futebol e a política nacional, ver Guedes e Almeida (2019), Alvarez (2025) e Martinache (2025).

teoria antropológica, os pesquisadores do INCT nos ensinam a não ceder de forma precipitada a dualidades simplistas (profissional × amador), nem a visões reducionistas (*communitas* × alienação social), optando ao invés por explorar o tema como fenômeno que reflete, produz e revela os complexos e cambiantes processos do mundo em que vivemos.

Confrontada ao desafio de tecer uma breve reflexão, e sem querer negar meu *status* de principiante nesse campo de debate, optei por organizar meus comentários ao redor da ideia dessas mutações. Pinçando episódios descritos por diferentes membros do INCT que tocam em temas da atualidade – colonialismo, gênero, cultura popular – proponho compartilhar minha impressão de que o futebol ilumina e serve de barômetro para profundas mudanças históricas. Mas, não só. Ao nos debruçarmos sobre os estudos a respeito do futebol, aprendemos o quanto os debates como o de Gluckman-Cutileiro se reatualizam conforme a evolução do campo disciplinar de estudos – incluindo, hoje, não só a investigação crítica dos espaços institucionais, mas também estudos etnográficos que trazem à luz vivências anteriormente relegadas ao segundo plano.

Colonialismo, talento e competitividade

O seminário INCT de 2025 ocorreu em Portugal – um país onde a história do futebol acompanha de perto seu passado colonialista (Alves, 2016; Domingos, 2017; 2021). Não por acaso, nos museus de futebol que visitamos (Benfica, Cidade do Futebol), encontramos farta evidência do papel central desempenhado na origem do futebol português pelos “gansos” da Casa Pia, obra de caridade para a proteção de órfãos e menores desassistidos. Desde o início do século XX, numa espécie de colonialismo interno, os clubes portugueses de futebol em Lisboa e Porto incluíam recrutas dessa instituição assim como das regiões rurais pobres e economicamente estagnadas do país, aproveitando jovens não só com talento, mas também com disposição para duro treinamento físico e rotinas espartanas, considerados necessários para a formação de jogadores bem-sucedidos.

Por outro lado, nas colônias africanas do império português, a segregação racial dos clubes atléticos se atenuava à medida que se reconheciam as vantagens para o jogo de uma política de integração². Com isso, tornou-se possível os times da Metrópole explorarem também essa nova fonte valiosa de integrantes, para aumentar suas chances de vitória no número crescente de torneios e campeonatos. Eusébio, nascido na Província Ultramarina de Moçambique, de pai angolano branco e de mãe moçambicana “de cor”, chegou a Lisboa em 1960 com 17 anos de idade, continua sendo visto por muitos, ainda hoje, como símbolo da época-auge do futebol português. Seguindo uma acirrada disputa entre clubes da Metrópole, o menino prodígio foi incorporado ao Benfica, levando o clube a vencer o Real Madrid na disputa pela Taça dos Campeões Europeus 1961/62 e, em escala nacional, ajudando Portugal a se classificar nas finais do Campeonato do Mundo em 1966. Numa época em que ainda havia restrições à participação de “estrangeiros” em diferentes clubes locais e (tal como hoje) só cidadãos do país podiam participar da seleção nacional, o sistema colonial moribundo de Portugal se revelava como trunfo. Eusébio, abraçado como indiscutivelmente “português”, servia para reanimar o Estado Novo de Salazar, dando publicidade à sua política (inspirada nos escritos de Gilberto Freyre) de “nacionalismo lusotropical” – supostamente inclusivo, intercultural e multirracial.³

-
- 2 Ironicamente, a de-segregação racial demorou a se evidenciar entre as torcidas. Como mencionou Domingos durante sua apresentação no Colóquio 2025 do INCT: ainda em 1968, no jogo amistoso Brasil × Portugal que inaugurava o Estádio Salazar na capital moçambicana Lourenço Marques, observava-se nas bancadas “um mar de rostos brancos” (incluindo muitos sul-africanos) voltados para um campo repleto de corpos negros. Encontramos uma explicação parcial na memória do craque mineiro, Tostão, presente naquele dia: “Quando começou a partida, olhei em volta, e o estádio estava quase vazio. Aí, compreendi que o ingresso era muito caro e que só os portugueses mais ricos assistiriam à partida. Os africanos não viram o jogo nem Pelé...” (Campos, 2018).
- 3 Não foi por acaso que o governo de Salazar impediu Eusébio de se transferir a um clube de qualquer outro país, apesar da tentação de salários bem maiores.

Contudo, da mesma forma que o futebol português lucrou com o atraso na liberação das colônias, a Revolução dos Cravos de 1974 e a subsequente independência das “províncias ultramarinas” provocaram uma queda dramática de competitividade dos clubes. O país teve que aguardar quase duas décadas – passando por profundas mudanças nas regulações nacionais assim como nas dinâmicas da geopolítica global – antes que a seleção portuguesa chegasse mais uma vez às finais de um campeonato mundial.

Dando uma pausa na história desse lado espetacular e público da esfera “hegemônica” do futebol, podemos perguntar: E, na colônia africana, entre os jovens que *não* se tornaram estrelas, que não entraram nos clubes competitivos, qual era o lugar do futebol? A pergunta é difícil, justamente porque há muito menos documentação sobre espaços informais; os jornalistas esportivos não costumavam publicar tantas notícias sobre as “pelas” e os torneios “amadores” jogados por moçambicanos ou angolanos da periferia urbana. Para coletar materiais sobre esses espaços, Domingos (2021) teve de recorrer às técnicas da história oral, auscultando o que chama de “economia afetiva de memória” de pessoas entrevistadas.

Por meio desse tipo de investigação, aprendemos sobre os jogos informais em terrenos baldios do subúrbio de Lourenço Marques, onde negros e brancos (geralmente da classe mais pobre) se encontravam. Conforme o analista, emerge dos relatos a imagem de uma atividade com estética própria, ligada às condições locais de vida – um rito integrador que conectava as pessoas das mais diversas origens. Apesar de reconhecidas, as regras formais explicitadas nos manuais eram muitas vezes renegociadas no imediato do jogo e com a participação intensa do público. Com a ajuda de “vovôs” (feiticeiros, curandeiros), convidados para garantir a vitória de seu time, as decisões do árbitro se ajustavam diante da força de uma tradição oral em que os particulares da prática dentro do campo fugiam à lógica abstrata da escrita (Domingos, 2021, p. 133-134).

Nesse contexto, não é ao todo estranho notar que, na memória dos entrevistados, as vitórias e os fracassos no jogo não eram o que mais se

destacava, e, sim, os gestos geniais, os movimentos e ritmos que compunham uma performance particular – isto é, os componentes do estilo de jogo que falavam do talento e da astúcia dos jogadores. É nesses jogos do subúrbio, tantas vezes invisibilizados nas narrativas canônicas sobre o futebol, que começamos a apreciar, especialmente nas pesquisas mais recentes, as formas e possibilidades heterogêneas do fenômeno.

Mulheres no futebol: hegemonia e subversão

Além da questão do colonialismo, a questão de gênero aponta para outra maneira em que o futebol serve como barômetro evidente de mudanças históricas. Pesquisadoras tais como Carmen Rial, Caroline Almeida e Aira Bonfim (entre outras) têm mostrado como a presença feminina no futebol acompanha a evolução do lugar de mulheres na sociedade como um todo – desde a época vitoriana quando as damas da elite se mostravam torcedoras entusiastas, passando pelos anos 1920, quando moças dos subúrbios operários cariocas começaram a formar “*teams*” de jogadoras, até a repressão oficial do futebol de mulheres que (por incrível que pareça) durou, tanto no Brasil quanto em diversos outros países, até o último quarto do século XX.

De fato, parece consenso entre pesquisadores que o futebol, na sua versão britânica, nasce numa época quando a masculinidade hegemônica, evidente no próprio estilo do jogo – “intenso, violento, composto por gestos intimidatórios” (Domingos, 2021, p. 132) – ditava as regras. Durante as primeiras décadas do esporte, os espaços operacionais do jogo – campos, treinamento, administração, clubes – eram povoados quase exclusivamente por homens, com as mulheres relegadas, tal como em outros espetáculos esportivos da elite (hipismo etc.), principalmente ao papel de torcedoras. Especialmente nos países lusófonos, o modelo dominante de masculinidade encontrava um terreno fecundo na competitividade acirrada dos campeonatos. Como Cutileiro comentava no caso dos campos portugueses de futebol, “de certa maneira simbólica, a vida e honra de alguns milhares dependiam do comportamento de meia dúzia” (1965, p. 388) pois, nesse

“ritual minucioso, preestabelecido e aceite por todos os intervenientes”, o que estava em jogo era o próprio prestígio nacional (Cutileiro, 1965, p. 330).

Podemos aventar, contudo, que o “preestabelecido” não era aceito passivamente por todos. Como na Europa, no Brasil também as mulheres aproveitavam, desde o início do século XX, brechas para marcar sua presença no cenário do futebol. Em festas vicinais e eventos beneficentes das camadas abastadas, os jogos entre mulheres podiam aparecer como entretenimento, ao mesmo tempo lúdico e emocionante, para atrair uma plateia ampla. De outra parte, não faltavam artistas de palco – atrizes de teatro e de circo – prontas para encenar um espetáculo de futebol confeccionado para levar o público a cair em gargalhadas. De forma significativa, alguns observadores de então comentavam como, nesses embates encenados, as jogadoras podiam se revelar como manipuladoras habilidosas da bola. Podemos conjecturar, assim, que – longe de selar a exclusão definitiva – essas “brechas” (paródias ensaiadas) forneciam às mulheres uma tática para driblar a moralidade repressiva e/ou restrições legais da época e dar vazão à sua paixão pelo esporte (Bonfim, 2023); ver também Davis (1990) e Scott (1990) sobre o uso da paródia como arma de rebeldia.

Ao longo dos anos 1930, a ideia de que mulheres podiam participar de jogos “para valer” foi tomando raízes no subúrbio das grandes cidades brasileiras onde, longe da supervisão dos grupos mais abastados, o futebol se popularizou, proporcionando a inclusão de um leque variado de raças, idades e sexos (Bonfim, 2023, p. 178). Em 1940, depois de um *match* entre dois *teams* de mulheres no estádio recém-inaugurado do Pacaembu que atraiu dezenas de milhares de espectadores, tornou-se evidente não só que as mulheres queriam jogar, mas também que existia um grande número de espectadores prontos a pagar para vê-las jogando.

Ora, enquanto o futebol feminino tinha sido confinado a momentos carnavalescos, não suscitava tantas críticas. Ao sublinhar o ridículo das mulheres “fora de lugar”, as palhaçadas simplesmente reafirmavam o caráter exclusivamente masculino do campo em tempos normais. Contudo, com a presença cada vez mais marcante de mulheres – tanto nos campos

quanto nos estádios –, as reações moralistas proliferaram. À medida que os jogos femininos se espalhavam para além das encenações teatrais, ganhando visibilidade por meio de agremiações, campeonatos, confrontações internacionais e ligas, a inquietação de observadores conservadores também se acirrava.

Desde as primeiras aparições de mulheres nos campos de futebol, existiam debates quanto às possíveis consequências. Defensores da inovação pretendiam que as jogadoras dessem uma demonstração de partidas de “moral sã”, exibindo a “alegria natural” de quem sabe lutar e perder com dignidade (Bonfim, 2023, p. 215). Críticas, por sua vez, insistiam no fato de que, além da atividade desviar as mulheres de sua real vocação (como mães de família e donas de casa), corrompia o caráter feminino natural delas – a ponto de, ao “jogar para valer”, acabarem se envolvendo em brigas e pancadarias, não muito diferentes do que ocorria no futebol hegemônico.

Alertas ainda mais contundentes dominavam o debate sobre a ameaça que esse “violento jogo bretão” representava aos delicados órgãos (em particular reprodutivos) das moças. Foram, aliás, esses os principais argumentos avançados em 1941 quando o governo de Getúlio Vargas, seguindo uma recomendação do Conselho Nacional de Desportos (CND), proibiu o futebol feminino, censurando até os atos circenses. Para além da interdição legal, iniciou-se a partir desse momento uma paciente campanha no plano simbólico sobre o afastamento *natural* das mulheres do *football*. Assim, durante quase quatro décadas, ignorando quase por completo o fato da proibição, propagou-se a convicção de que mulheres não jogavam futebol porque simplesmente não se interessavam pelo assunto (Capucim e Silva; Bonfim, 2024).

É tentador ver como estopim da interdição final o muito comentado encarceramento de Dona Carlota (sessentona que gerenciava um time carioca bem-sucedido de moças), na véspera de uma viagem para um torneio internacional em Buenos Aires. Tornando-se símbolo de tudo que os moralistas estavam prevendo, Carlota se viu em volta a acusações de proxenetismo, isto é, de lucrar com a exploração (incluindo conotações sexuais) das

suas jogadoras. Usando uma linguagem que só reforçava essas acusações, jornalistas que investigavam o caso passaram a descrever os lugares de encontro e treinamento da equipe como “antros de perdição” – onde as mulheres dançavam, fumavam e gesticulavam com liberdade (Bonfim, 2023).

Não deixa de ser significativo, contudo, que a proibição pelo CND veio, tal como em outros países, nos calcanhares do crescente sucesso financeiro das equipes de mulheres. Como destacam Capucim e Silva e Bonfim sobre a efervescência do futebol feminino na década antes da proibição:

O contexto de profissionalização do futebol da década de 1930 afetou homens e mulheres para um futebol, que além de divertido, foi lido como uma possibilidade de ascensão social. Os jogos femininos presentes em uma sequência ininterrupta de episódios, iniciados em 1939, não só são provas de corpos que experimentaram tal esporte, mas também vivenciaram, mesmo que brevemente, o *status* social operado por aqueles que se destacavam dentro de campo (2024, p. 118).

Quando, vinte e poucos anos depois, o Conselho Nacional de Desportos reiterou a proibição, um detalhe interessante foi acrescentado: os jogos de várzea ou de rua envolvendo mulheres, ainda que indesejáveis, não seriam vetados. A proibição visava atividades realizadas em estádio, abertas ao público e organizadas profissionalmente por clubes e federações. O medo causado pela associação de mulheres ao mundo do lucro, reforçado dessa maneira pelos esclarecimentos de 1965, não poderia ser mais claro. Ao que tudo indica, o perigo da mulher ganhar a vida com essa atividade ou, pior, de o espetáculo feminino passar a competir em popularidade com a versão masculina, parecia assustar mais até do que outros avanços na agenda feminista (lembremo-nos de que as brasileiras conquistaram o direito ao voto em 1932)⁴. Se bem que, nos espaços interioranos informais, as mulheres nunca pararam de jogar, foi preciso esperar uma revolução

4 Cabe notar que, da mesma forma, as feministas brasileiras, com raras exceções, não levantaram a bandeira do futebol feminino (Rial, 2020).

econômica, social e política nas relações de gênero para (com a regulamentação do futebol feminino) elas voltarem a pisar na grama dos estádios de forma abertamente legal.

Tecnologia, centro e periferia

Um terceiro elemento que entra no cômputo das mudanças históricas ressaltadas pelo estudo do futebol diz respeito ao impacto da tecnologia. As mudanças tecnológicas, alvo crescente das ciências sociais atuais (Rohden; Monteiro, 2019), são altamente relevantes a praticamente todos os elementos do futebol – desde as técnicas de treinamento e meios de transporte intercontinental até as cortes internacionais e a bolsa financeira de ações. Elas impulsionaram uma mudança de escala de forma que nenhum estudo hoje, mesmo aqueles voltados para as práticas aparentemente mais “locais”, prescinde de uma interrogação sobre a influência de dinâmicas globais, assim como o envolvimento de futebol em corporações multinacionais bilionárias.

Numa análise recente das “cliques” de futebol em Portugal, por exemplo, destaca-se a maneira como a transmissão simultânea dos jogos por vias digitais operou um aumento colossal de espectadores, modificando as próprias formas de expressão e agremiação dos fãs (Seabra, 2019). Os torcedores nos estádios tornaram-se eles mesmos parte do espetáculo filmado e, ao lado do dinheiro pago pela mídia pelo direito de transmissão, o dinheiro dos ingressos no estádio virou só uma parte modesta do lucro comercial⁵. Nesse contexto, entende-se como a “espetacularização” do futebol tem alcançado uma dimensão inusitada, inspirando estudos não só

5 Pudemos testemunhar algumas das repercussões mais interessantes desse lucro, em visitas organizadas pelo Colóquio INCT de Futebol ao sofisticadíssimo Museu Benfica – Cosme Damião, da equipe lisboeta, e ao vasto *campus* da Cidade do Futebol, inaugurada em 2016 pela Federação Portuguesa de Futebol. Disponíveis em: <https://www.slbenfica.pt/pt-pt/instituicao/instalacoes/museu-benfica> e <https://cidadedofutebol.fpf.pt/>. Acessos em: 16 maio 2026.

sobre a “arenização” dos estádios, mas sobre os jogos de poder entre as elites que articulam e gerenciam esse universo.

Pesquisas recentes mostram como é inegavelmente importante estudar os múltiplos mecanismos em operação no futebol de espetáculo que perpetuam a marginalização de grupos subalternizados; isto é, que reforçam hierarquias discriminatórias contra pessoas por causa de seu sexo, sua cor, classe ou orientação sexual. É fundamental investigar não só quando certas figuras são marginalizadas, mas também como, em quais termos, são integradas nos recintos do “centro”. E, em particular, até que ponto essa integração inclui participação nas cúpulas de poder.

Boa parte dos pesquisadores do INCT trabalham nessa direção, compartilhando a aposta numa abordagem que, indo além de documentos oficiais, imagens públicas e relatos jornalísticos, recorre a métodos etnográficos para auscultar o que ocorre nos “bastidores” do futebol espetacular – vivências familiares e religiosas dos jogadores, por exemplo, ou experiências de (des)emprego e migração (e.g., Damo, 2007; Rial, 2017). Almeida e Jahnecka (2020), por exemplo, relatam o dilema de brasileiros jogando em times estrangeiros de segundo e terceiro escalão – jovens migrantes que se conectam a algum clube da Europa interiorana onde permanecem quase na clandestinidade, sem vínculo empregatício ou (muitas vezes) sequer permissão de estar no país. Outros estudos nos levam para dentro das lesões, dores e demais problemas de saúde, inerentes à prática de um esporte intenso, que acompanham a rotina diária desses jogadores longe do estrelato, assim como a dificuldade deles de acessar tratamentos médicos (e.g., Oliveira Filho, 2024).

Contudo, por inegável que seja a importância de estudar a relação entre o futebol de espetáculo e suas margens, ainda permanece o desafio – hoje, mais forte do que nunca – de explorar as dinâmicas dos “outros” futebolis (Damo, 2018), entranhados em uma “tradição longa” da cultura popular (Toledo, 2024) e que não têm necessariamente as federações oficiais de futebol como seu ponto prioritário de referência. De fato, o “futebol de periferia” tem ocupado as atenções dos pesquisadores do INCT desde

sua acepção, sendo a variedade de termos – futebol comunitário, amador, de várzea, de periferia ou, simplesmente, futebol popular – espelho da variabilidade do fenômeno. Não obstante os debates sobre a terminologia adequada e o grau de autonomia de cada, ao que tudo parece, os estudos convergem no entendimento de que deve-se não só estudar a relação entre essas formas periféricas e seu centro – o futebol de espetáculo – mas, também, pôr em destaque as dinâmicas próprias, específicas às formas “locais” de vida (Pinto *et al.*, 2025).

Como qualquer outro elemento de “cultura popular”, a natureza fluida e fragmentada da prática, a falta ou pouca importância de referências instituídas (muitas vezes, os times não possuem nem campo fixo) e a sintonia com as sociabilidades vicinais traduzem uma riqueza de formas possíveis que se adaptam às dinâmicas da comunidade, tornando esse futebol difícil de resumir em uma fórmula sucinta ou classificar conforme oposições simplistas. Myskiw (2024), no seu estudo etnográfico dos circuitos porto-alegrenses do futebol de várzea, fornece uma apta ilustração ao descrever como, apesar de os times amadores professarem seguir as regras canônicas, a aspiração de ser “o mais próximo de profissional” acaba frequentemente se rendendo à lógica do “saber levar”. Mesmo com “sangue nos olhos” (de tanto querer vencer um campeonato), os varzeanos podem redirecionar suas práticas conforme uma festa de aniversário, um enterro, uma rixa entre gangues rivais, gastos com transporte, brigas conjugais e outros elementos do cotidiano. Como Damo resume: esse “outro” futebol vai além das “sociabilidades” fugazes do bairro; é emaranhado na própria “socialidade” da vida comunitária das classes trabalhadoras, com suas dinâmicas “religiosas, políticas, familiares, laborais e até amorosas” (2024, p. 17). Trata-se de uma densidade social que se torna aparente apenas quando o pesquisador vai além dos campos e lugares de treino e passa a circular entre festas, bares, igrejas e moradias, “onde o povo está” (Myskiw, 2024; Pinto *et al.*, 2025).

Voltando para as tensões evocadas décadas atrás (em referência ao debate Gluckman-Cutileiro), os analistas do futebol popular mostram

como tampouco faz sentido reduzir o significado político desses “outros” futebolistas a uma só dimensão: “resistência/ insurgência/subversão” ou “alienação social/esteio do *status quo*”. Vimos acima, na análise do contexto moçambicano de meados do século XX, como, para além dos desenhos do império português que se realizavam nas competições nos estádios, o futebol que emergia nos subúrbios da cidade colonial criava a possibilidade de um esporte com lógica “antiutilitarista”, isto é, que não era completamente dominado pela “soberania dos resultados”. Era nessa forma que fomentava uma sensação de pertencimento comunitário, capaz de abarcar a grande diversidade de identidades raciais, religiosas e nacionais que povoavam aquele território. Quanto ao futebol feminino no Brasil, vimos como a paródia carnavalesca podia ser tanto um exercício humilhante de exclusão quanto uma arma potente de subversão – abrindo oportunidades para as mulheres se entregarem à sua paixão pelo jogo. Aliás, é digno de nota o fato de que, ao longo dos anos de repressão oficial, nas poucas ocasiões em que jogadoras (confinadas a uma espécie de clandestinidade) podiam expressar seus sentimentos em público, raramente evocaram motivos revolucionários – “feministas” ou outros – para o seu envolvimento. Barradas nas arenas governadas pelos grupos da elite, não entravam nos circuitos competitivos das ligas; alheias a compromissos oficiais, jogavam um “outro futebol”, pela emoção do esporte, “pelo amor” (Bonfim, 2023)⁶. Chiquetto (2024), no seu estudo sobre futebol em Manaus, traz ainda outros exemplos de um espírito de insurgência no futebol. Porém, ele insiste, não se trata de práticas exatamente “contra-hegemônicas”, e, sim, de “resistências em outra escala” em que, intimamente ligados aos desafios cotidianos da vida social, circuitos como o Peladão de Manaus burlam padrões conservadores de feminilidade, classificações rígidas de indigeneidade e convenções instituídas de legalidade.

6 Ver também o documentário lançado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (2025), “Elas mudaram o jogo: a história não contada do futebol feminino gaúcho.”

Em suma, as pesquisas demonstraram repetidamente a futilidade de tentar encaixar a análise do futebol em dualidades simplistas (amador/profissional; resistência/conformidade). Passamos, assim, a apreciar a complexidade do fenômeno e como o esporte reflete de modo muito particular as várias mudanças históricas. Ao acompanhar o futebol “português” do seu momento triunfal no final do período colonialista até o vazio criado pela queda do império; ao seguir o futebol feminino no Brasil da efervescência inicial até sua clandestinidade depois da repressão pelo Estado Novo, ficamos com a sensação de que a evolução do esporte não é nada linear. Pelo contrário, segue um caminho nem sempre previsível dependendo das circunstâncias do mundo em que se insere.

Contudo, chegando ao tema de centro/periferia, sentimos uma forte tentação de reverter a uma visão unidirecional da história. Considerando a expansão imobiliária urbana, denunciada desde o fim dos anos 1970 pela diminuição dos terrenos vagos onde as “peladas” tradicionalmente ocorriam, é difícil o analista resistir à narrativa do “fim da várzea”. Diante daquilo que Toledo chama o “grande processo avassalador e empreendedor capitalista” (2024, p. 274) que hoje permeia o futebol profissional, transformando-o mais do que nunca em um produto altamente lucrativo da cultura de massa, é difícil o brilho espetacular dessa indústria multimilionária não ofuscar as práticas soltas, impermanentes, constantemente reinventadas dos futebolis “da periferia”. Mas, no fundo, são as próprias pesquisas do INCT, escoradas em etnografias detalhadas de situações concretas que demonstram a imprudência de conclusões homogeneizantes ou visões derrotistas da realidade. Além de documentar a resiliência das periferias, descrevendo a vitalidade do futebol popular e sua capacidade de se reinventar na face de novas circunstâncias, as análises se nutrem do diálogo entre teorias e abordagens metodológicas bem divergentes. Na tensão do debate, ora nos instigando a investigações críticas, ora estendendo a imaginação para além do pensamento modular da modernidade (Tsing *et al.*, 2019), o conjunto da obra serve como exemplo para cientistas sociais de

todas as áreas, consagrando o futebol como tema central da reflexão acadêmica contemporânea.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Caroline Soares de; JAHNECKA, Luciano. As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação. *Novos Olhares Sociais*, v. 3, n. 1, p. 178-198, 2020.

ALVAREZ, Vera Cíntia. A identidade futebolística internacional do Brasil utilizada como instrumento de diplomacia e ferramenta de formulação da política externa. In: RIAL, Carmen; PINTO, Fábio; MARTINACHE, Igor; RASERA, Frédéric (orgs.). *Ciências sociais e futebol: intercâmbio e perspectivas franco-brasileiras*. Brasília: ABA Publicações, 2025. p. 308-317. (Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade).

ALVES, Bruno. Benfica and Portugal’s politics: a relationship impossible to separate. *These Football Times*, 17 Apr. 2016. Available at: <https://thesefootballtimes.co/2016/04/17/the-unique-relationship-between-benfica-and-portugals-politics/>. Accessed on: 26 jan. 2026.

BONFIM, Aira F. *Futebol feminino no Brasil*. São Paulo: Edição da Autora, 2023.

CAMPOS, Helcio R. Estádio elitizado não é novidade: 50 anos de Portugal × Brasil no Estádio da Machava – Moçambique, 1968. *Futebol, Cultura e Geografia* [blog], 1.º out. 2018. Disponível em: <https://geoculturadofutebol.blogspot.com/2018/10/estadio-elitizado-nao-e-novidade-50.html>. Acesso em: 16 maio 2026.

CAPUCIM E SILVA, Giovana; BONFIM, Aira F. Experiências do futebol popular de mulheres: os subúrbios cariocas e a várzea paulistana (1930-1980). In: RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 107-135.

CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. O futebol como resistência em Manaus (AM). In: RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline S. de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 159-178.

CUTILEIRO, José. Os super-portugueses: algumas notas sobre o Sport Lisboa e Benfica. *O Tempo e o Modo*, n. 25/26, p. 319-330, mar./abr. 1965.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei. Futebóis: da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37–66, 2018.

DAMO, Arlei. Prefácio. In: RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024.

DAVIS, Natalie Z. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DOMINGOS, Nuno. *Football and Colonialism: Body and Popular Culture in Urban Mozambique*. Athens: Ohio University Press, 2017.

DOMINGOS, Nuno. The death of a football player. Eusébio and the struggle for Portuguese History. *Práticas da História – Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n. 8, p. 163–197, 2019.

DOMINGOS, Nuno. Um regresso à história do futebol na capital de Moçambique durante o período colonial. *FuLiA/UFMG*, v. 6, n. 2, p. 124–140, 2021.

GUEDES, Simoni Lahud; ALMEIDA, Edilson Márcio. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. *Cuadernos de Aletheia*, La Plata, n. 3, p. 73–89, 2019.

GUPTA, Akhil. *Red tape: Bureaucracy, structural violence, and poverty in India*. Durham: Duke University Press, 2012.

MARTINACHE, Igor. Futebol e política: uma relação realmente fora do jogo?. In: RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; BENÍTEZ, Liber; RIGO, Luiz Carlos (orgs.). *Ciencias sociales y fútbol: intercambio y perspectivas sudamericanas*. Brasília: ABA Publicações, 2025. (Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade).

MYSKIW, Mauro. O circuito varzeano em Porto Alegre. In: RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 135–158.

OLIVEIRA FILHO, José Hildo de. Crippling Sports Migration: A Personal Journey. *Brasiliana – Journal for Brazilian Studies*, v. 13, n. 2, p. 311–238,

2024. Available at: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/149912>. Accessed on: 16 maio 2026.

PINTO, Fábio Machado; CALDART, Gabriel de Leão; LAZZAROTTI FILHO, Ari. O futebol entre Brasil e Uruguai: a formação e a pesquisa na periferia do futebol. In: RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; BENÍTEZ, Liber; RIGO, Luiz Carlos (orgs.). *Ciencias sociales y fútbol: intercambio y perspectivas sudamericanas*. Brasília: ABA Publicações, 2025. (Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade).

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. *Elas mudaram o jogo: a história não contada do futebol feminino gaúcho*. [websérie]. Secretaria Extraordinária da Copa do Mundo Feminina de Futebol 2027; Gabinete de Comunicação Social. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2025. 1 playlist (3 vídeos). Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL2-gCzkAga-jzTYg_WcCJfONqMrbnnSpGx. Acesso em: 16 maio 2026.

RIAL, Carmen. Banal religiosity: Brazilian athletes as new missionaries of the neo-Pentecostal diaspora. *Vibrant*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 128-159, 2012.

RIAL, Carmen. A memória do futebol praticado por mulheres: semelhantes trajetórias no Brasil e na França? In: GROSSI, Miriam; OLTRAMARI, Leandro; FERREIRA, Vinicius (orgs.). *Família, gênero e memória: diálogos interdisciplinares entre França e Brasil*. Brasília: ABA Publicações; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 295-321.

RIAL, Carmen. Apresentação. In: RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; BENÍTEZ, Liber; RIGO, Luiz Carlos (orgs.). *Ciencias sociales y fútbol: intercambio y perspectivas sudamericanas*. Brasília: ABA Publicações, 2025. (Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade).

RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; MARTINACHE, Igor; RASERA, Frédéric. Apresentação. In: RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; MARTINACHE, Igor; RASERA, Frédéric (orgs.). *Ciências sociais e futebol: intercâmbio e perspectivas franco-brasileiras*. Brasília: ABA Publicações, 2025. p. 7-27. (Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade).

RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline Soares de. O “gênero da bola”: mulheres e futebol na mídia. *Alceu – Revista de Comunicação, Cultura e Política*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 52, p. 84-119, 2024.

RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024.

ROHDEN, Fabiola; MONTEIRO, Marko. Para além da ciência e do *anthropos*: deslocamentos da antropologia da ciência e da tecnologia no Brasil. *BIB*, São Paulo, n. 89, p. 1-33, 2019.

SCOTT, James C. *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*. New Haven: Yale University Press, 1990.

SEABRA, Daniel. *Claques de futebol: o teatro das nossas realidades*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Tá com medo, por que veio? [posfácio]. In: RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 269-282.

TSING, Anna L.; MATHEWS, Andrew S.; BUBANDT, Nils. Patchy Anthropocene: Landscape Structure, Multispecies History, and the Retooling of Anthropology. *Current Anthropology*, v. 60, supl. 20, p. S186-S197, 2019.